

UMA REVISÃO SOBRE ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS COM ADOLESCENTES EM LUTO, OU: DE COMO DEVIR-FÊNIX EM EDUCAÇÃO.

Vitória Caroline Santos de Andrade¹

Prof. Dr. Sidney Carlos Rocha da Silva²

RESUMO: A cultura ocidental colocou uma interdição brutal no modo como nos relacionamos com a morte e, conseqüentemente, com o luto. Muito mais do que “companheira silenciosa”, a morte se tornou “companheira silenciada”. Diante dessa “conspiração do silêncio”, na esteira de pesquisadoras e intelectuais como Maria Julia Kovacs, este trabalho procura quebrar (pelo menos apontar) **o problema** do silenciamento em torno das experiências de morte, principalmente quando pensando dentro do contexto educacional. Na constante negação de uma pedagogia que pode vir da experiência com a finitude, tudo se passa como se a vivência da perda nada tem a transformar no sujeito que se ensina e na instituição de ensino. Tudo se passa como se na escola não houvesse lugar para o luto uma vez que o imperativo “não se fale sobre a morte!” prevalece. Em função dos argumentos precedentes, este trabalho procurar responder a seguinte **questão**: quais as estratégias educacionais, no contexto escolar, usadas com adolescentes em luto e em que medida essas estratégias podem contribuir para fazer da educação um exercício estético para renascer das cinzas e elaborar uma política educativa para adolescentes em ruínas? Na intenção de responder essa questão, o **objetivo geral** desta pesquisa foi realizar, na literatura nacional, uma revisão sistemática sobre as principais estratégias educacionais com adolescentes em luto no intuito de pensar contribuições para um devir-fênix em educação. De forma mais específica, buscou-se mapear, dentre a literatura nacional, as principais estratégias educacionais com adolescentes em luto a fim de identificar e sistematizar como os estudos vem enfrentando a questão. A fim de atingir tais objetivos, esta pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada por meio de uma **Revisão Sistemática de Literatura (RSL)**. Segundo Galvão e Ricarte (2020), essa revisão é fundamental para permitir o acesso a publicações específicas sobre o tema, proporcionando diferentes perspectivas e identificando lacunas na pesquisa. Os **resultados** apontaram, a partir dos dados dos textos selecionados, que, embora a temática do luto e da morte ainda seja um campo escasso no contexto educacional brasileiro, a literatura levantada mostra que há subsídios significativos e sinaliza estratégias interessantes para que os profissionais da educação ofereçam um suporte adequado aos estudantes adolescentes enlutados enfrentarem suas perdas. Nesse sentido, pudemos **concluir** que com as estratégias adequadas o contexto educacional tem o potencial de fazer do processo de formação para a morte um trabalho ético, estético e político que contribui para que adolescentes enlutados possam renascer das cinzas e nos ensinar um modo de subjetivação que vem das ruínas.

Palavras-Chave: Morte. Luto. Educação. Adolescência. Devir-Fênix.

¹ Concluinte do curso de pedagogia do centro de educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: vitória.csandrade@ufpe.br

² Professor-orientador vinculado ao Departamento de Psicologia, Inclusão e Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: sidney.rocha@ufpe.br

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	1
2.	A MORTE, UMA PROFESSORA INDESEJÁVEL.....	6
2.1	Luto: o aprendizado que vem pela experiência da perda.....	7
2.2	Adolescências: seus lutos e suas lutas.....	8
3.	METODOLOGIA.....	10
4.	RESULTADOS.....	14
4.1	Para devir-fênix em educação.....	22
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25

1. INTRODUÇÃO, OU: QUEBRANDO O SILÊNCIO

O fato é que a cultura ocidental colocou uma interdição brutal no modo como nos relacionamos com a morte. O interdito falou mais alto e, não por acaso, “hoje é vergonhoso falar da morte como antigamente era vergonhoso falar do sexo e de seus prazeres.”(ARIÈS, 2012, p. 210). Muito mais do que “companheira silenciosa”, se tornou “companheira silenciada”. Todos os dias pessoas morrem, todos os dias pessoas são mortas: crianças, adolescentes, jovens, mulheres, rios, mangues...Mortes que são lentas, outras que rápidas. Morte premeditada, morte inesperada. Mortes dos corpos, mas também das relações, das identidades, das funções: finais de ciclo, finais de fase, mudança de cidade, fim de namoro...

Mas, eis o paradoxo:

a morte esteve e continua estando, no início do século XXI, cada vez mais próxima das pessoas, em função, principalmente, do desenvolvimento das telecomunicações. A TV introduz diariamente, em milhões de lares, cenas de morte, de violência, de acidentes, de doenças, sem a mínima possibilidade de elaboração, dado o ritmo propositalmente acelerado desse veículo. Então, ao mesmo tempo em que é interdita, a morte torna-se companheira cotidiana, invasiva e sem limites, e, embora essas mortes estejam tão próximas (real ou simbolicamente), reina uma conspiração do silêncio. Crianças e adolescentes convivem com essas imagens diariamente, ao mesmo tempo em que se tenta “poupá-los” para não os entristecer. (KOVACS, 2005, p. 486).

Diante dessa “conspiração do silêncio”, na esteira de pesquisadoras e intelectuais como Maria Julia Kovacs, este trabalho procura quebrar (pelo menos apontar) o problema do silenciamento em torno das experiências de morte, principalmente quando pensando dentro do contexto educacional. Afinal, o ambiente educativo não está imune aos acontecimentos sociais. Professores, gestores e alunos vivenciam suas perdas e são atravessados pela morte (de colegas, amigos, parentes, familiares, animais de estimação...) – que muitas vezes acontece na própria escola.

Não é difícil observar professores, educadores e gestores se perceberem frustrados, inseguros e até “sem jeito” em como abordar o tema dentro de sala de aula e como oferecer estratégias de acolhimento para a vivência da perda. Tudo se passa como se na escola não houvesse lugar para o luto uma vez que o imperativo “não se fale sobre a morte!” prevalece.

Sem espaço para o luto, a dor e a tristeza provenientes dele não pesa no ambiente educacional, apenas no corpo mortificado do aluno enlutado. O discurso mais repetido dentro dos muros da escola quando se trata do assunto parece seguir o mesmo: a falta de preparo dos professores em sua formação. (DOMINGOS, 2000; KOVACS, 2005; TREVISAN, MACIEL, 2023). Entretanto, a justificativa da falta de preparo não coloca (e nem pode colocar!) um ponto final no assunto. A necessidade das escolas colocarem a morte, o luto e as estratégias de relação com a perda em suas pautas permanece urgente.

É sabido que a escola não tem o papel de substituir a família. E não é disso que se trata. Assim como não cabe a escola substituir professores por psicólogos. Também não é essa a questão. O ponto aqui é direto: a dificuldade de escolas pensar em estratégias educacionais para a vivência do luto (individual ou coletivo) sinaliza o limite de incluir a morte/a perda/a dor/a destituição/a finitude como parte de sua política e como um dos fundamentos dos processos pedagógicos.

E, mais uma vez, nossa velha ideia de aprendizagem como sendo a ocorrência de um “acúmulo, ganho e aquisição” torna por eclipsar “a perda, destituição e a morte” como referências outras de formação. Tudo se passa como se a morte não tivesse nada a dizer e nada o que dá a pensar. Na constante negação de uma pedagogia que pode vir da experiência com a finitude, tudo se passa como se a vivência da perda nada tivesse a transformar no sujeito que se ensina e na instituição de ensino. É urgente a tarefa de nos lembrar que a “destituição é formação também” (SILVA, 2020)

Não pensar nas formas e estratégias que ainda estamos problematizando e vivenciando as perdas e mortes no espaço educacional, principalmente aquelas vivenciadas pelos nossos adolescentes que, como indicava Clarice, “morrem em pleno dia”, tem nos impossibilitado de inventar uma política educacional necessária para esse tempo que é nosso: devir-fênix em educação, fazendo do processo de formação para a morte um trabalho ético, estético e político de renascer das cinzas e nos ensinando um modo de subjetivação que vem das ruínas. Ao invés disso, seguimos, na esteira da morte, como mortos-vivos.

Em função dos argumentos precedentes, este trabalho procurar responder a seguinte questão: quais as estratégias educacionais, no contexto escolar, usadas com adolescentes em luto e em que medida essas estratégias podem contribuir para fazer da

educação um exercício estético para renascer das cinzas e elaborar uma política educativa para adolescentes em ruínas?

Na intenção de responder essa questão, o objetivo geral desta pesquisa foi realizar, na literatura nacional, uma revisão sistemática sobre as principais estratégias educacionais com adolescentes em luto no intuito de pensar contribuições para um devir-fênix em educação. De forma mais específica, buscamos (1) mapear, dentre a literatura nacional, as principais estratégias educacionais com adolescentes em luto a fim de identificar e sistematizar como os estudos vem enfrentando a questão.

A escolha por este tema não foi casual. Além da problemática e dos argumentos expostos acima, a escolha pessoal de explorar essas experiências de luto se deu a partir da pandemia da COVID-19 - que não apenas alterou radicalmente as rotinas diárias, mas também nos expôs à perdas significativas, desencadeando experimentações de dor e processos de luto que se manifestaram de maneiras complexas em nossas vidas. Desde então, potencializou-se, de forma intensa, uma profunda reflexão sobre as vivências pessoais, principalmente durante meus estágios em pedagogia, que moldaram o entendimento do impacto emocional em adolescentes.

A conexão pessoal com essa temática é marcada, portanto, por testemunhar os desafios emocionais que adolescentes enfrentam ao perder entes queridos, perdas essas que foram agravadas pelas restrições sociais, limitando as oportunidades de processar lutos de maneira compartilhada e sensível. A observação da luta para reconciliar as emoções do luto e enfrentamentos de crise com as demandas diárias da vida escolar despertou um profundo interesse em começar a compreender como esses aspectos se entrelaçam.

Ao considerar essa experiência, percebi a necessidade de ampliar o entendimento e fortalecer o debate sobre como os adolescentes enfrentam o luto e de como o ambiente educacional/escolar (professores) lida com estudantes enlutados. A importância desta pesquisa reside, nesse sentido, na sua capacidade de permitir uma compreensão mais sensível, e paralelamente fundamentada, de como o contexto educacional pode fazer frente às necessidades e demandas dos adolescentes enlutados

2. A MORTE, UMA PROFESSORA INDESEJÁVEL: SE APRENDE A MORRER?

Existe uma morte, aquela do final da vida, da qual, em princípio, não temos consciência durante o seu processo, pois "ninguém volta para contar". Desde o tempo dos homens das cavernas há inúmeros registros sobre a morte como perda, ruptura, desintegração, degeneração, mas, também, como fascínio, sedução, uma grande viagem, entrega, descanso ou alívio (...). Entrelaçamos vida e morte, durante todo o nosso processo de desenvolvimento vital (KOVÁCS, 1992).

A presença da dimensão simbólica no fenômeno da morte transcende sua manifestação como um processo biológico inerente; ela se revela como um evento com significados e valores. “Pensar a morte reporta ao limite não aceito” (DIAS, 2011, p. 274), embora a compreensão e interpretação da morte tenham mudado ao longo desses períodos. Segundo Ariés (1977), o tema da morte se tornou interdito no século XX, sendo banido da comunicação entre as pessoas.

É inegável que a morte deixa impressões perduráveis. Não por acaso, para Kovács (2005), a presença da morte integra-se ao processo de crescimento humano desde os estágios iniciais da vida, permanecendo como uma companheira ao longo do ciclo vital. Exatamente por isso, as escolas, que têm o potencial de preparar os alunos para enfrentar a complexidade da vida, precisa estar atenta, tornando essa temática pauta necessárias em sala de aula. Contudo, “o tema da morte não está presente nas escolas, usando-se como argumento a falta de preparo dos professores” (Kovács, 2005, p. 488), sendo assim, perde-se uma compreensão mais saudável e integrada do ciclo vital, incluindo a experiência da morte e consequentemente contribuir para um luto seguro.

2.1 O LUTO: O APRENDIZADO QUE VEM PELA EXPERIÊNCIA DA PERDA

O luto é uma resposta natural a uma perda, conforme Bowlby (2004), que explora como os vínculos emocionais estabelecidos na infância influenciam o desenvolvimento emocional ao longo da vida, ou seja, os primeiros relacionamentos, especialmente com cuidadores primários, moldam a capacidade de uma pessoa de se relacionar e lidar com a perda no futuro.

No contexto do luto, argumenta que o luto é um processo natural e saudável de adaptação à perda, no qual as pessoas passam por estágios de choque, protesto, desorganização e recuperação. Ressalta como a intensidade desse processo doloroso está diretamente ligada ao grau de vínculo com o que ou quem se perde, quando se aumenta a vinculação ao objeto perdido (que pode ser uma pessoa, um animal, uma fase da vida etc.) se intensifica o doloroso processo do luto. Os sentimentos associados ao luto são diversos e profundos, pode-se equiparar à experiência de luto termos como aflição, desgosto, pesar, tristeza, dor e mágoa.

Kübler-Ross (2008) descreve cinco estágios emocionais que as pessoas enfrentam ao lidar com mortes: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Esses estágios não são necessariamente sequenciais nem universais, mas servem de respaldo para entender as diferentes maneiras como as pessoas reagem à ideia da morte.

A primeira fase, negação, é uma reação comum diante de uma notícia devastadora. Nesse estágio, a pessoa pode ter dificuldade em aceitar a realidade da situação, buscando negar ou minimizar a gravidade da perda.

A raiva é a segunda fase do processo de luto. Neste estágio, a pessoa pode sentir uma intensa frustração e raiva em relação à situação, questionando por que isso está acontecendo e procurando culpados.

Na fase de barganha, a terceira fase, a pessoa pode tentar negociar com a morte na esperança de reverter ou adiar a perda. Isso pode envolver promessas a uma entidade superior ou tentativas de fazer acordos para evitar o inevitável.

A quarta fase, depressão, é caracterizada por uma profunda tristeza e desesperança em relação à perda iminente ou ocorrida. Neste estágio, a pessoa pode experimentar

sentimentos de vazio, solidão e desamparo, enfrentando a realidade dolorosa da situação.

A aceitação é a última fase do processo de luto. Neste estágio, a pessoa alcança uma aceitação pacífica da morte, reconhecendo a realidade da perda e encontrando maneiras de seguir em frente. Isso não significa necessariamente que a pessoa esteja "bem" com a morte, mas sim que ela encontrou uma maneira de integrá-la em sua vida.

É importante notar que o luto vivido pode ser influenciado pela cultura, pela temporalidade e pelo contexto. De acordo com a autora Kübler-Ross (2008) e Kübler-Ross e Kesler (2005), cada vivência de luto é única, assim como os indivíduos, com suas singularidades, particularidades e circunstâncias específicas. Não há uma fórmula única ou uma sequência predefinida para o processo de luto; ao contrário, sua manifestação é variável, não sendo uniforme o modo como as pessoas experimentarão esse processo.

Por isso, “Podem ocorrer sentimentos ambivalentes, tristeza pela perda e raiva pelo abandono, desejo da morte para alívio do sofrimento, que pode provocar culpa, podendo ser este um fator de risco para o luto complicado” (KOVÁCS, 2008, p.460-461). A questão é que durante o luto, uma miríade de emoções complexas pode surgir. Essa riqueza emocional destaca a natureza delicada do processo de luto e a ampla gama de sentimentos que podem aparecer, cada um com suas implicações particulares.

2.2 ADOLESCÊNCIAS: SEUS LUTOS E SUAS LUTAS

Segundo Rodriguez (2005), no passado, ser jovem era percebido como um período direto de transição em direção à idade adulta, como narrado por nossos pais e avós. Hoje em dia, a juventude é vista como uma fase a ser cuidadosamente mantida e estendida pelo maior tempo possível. Os jovens contemporâneos experienciam amor, educação, conflitos e emprego, enfrentando as transformações em seus corpos ao longo do caminho em direção à maturidade. O adolescer compreende uma condição iminentemente desafiadora e na medida em que “lidam com as dificuldades de crescer, eles se procuram e, eventualmente, se acham” (RODRIGUEZ, 2005, p. 25).

Ao explorar a adolescência na contemporaneidade, torna-se menos apropriado considerar esse grupo de maneira isolada, universal e homogênea. De acordo com Rigo (2013), a diversidade e a virtualidade abriram caminho para uma ampla variedade de características, tornando desafiador categorizar os adolescentes em apenas uma definição específica, pois atualmente, esses jovens exibem diversas características culturais, identitárias e sociais, sendo percebidos agora por sua pluralidade.

Por isso mesmo, “Os fenômenos da morte e da adolescência fazem parte do imaginário sociocultural e são apropriados e representados conforme o contexto, o grupo e a época, conforme aponta” (DIAS, 2011, p. 274). Ou seja, sugere que não há uma compreensão universal desses temas, mas sim uma variedade de perspectivas. Por conseguinte, para Rodriguez (2005), o adolescente dispõe de capacidades cognitivas para compreender os aspectos da morte, como sua irreversibilidade e universalidade, além de possuir habilidades que permitem a compreensão de relações de causalidade. No entanto, pode encontrar-se “afastado” desse tema em uma fase de vida marcada por mudanças intensas e conflitos emocionais.

Nesse contexto, a acolhida por parte da escola e dos educadores pode proporcionar aos aprendizes um sentimento de apoio e segurança. Quando o adolescente enlutado não encontra na família suporte para enfrentar a perda, ambientes institucionais e sociais, em especial a escola, podem auxiliar no suporte, caminhando juntos para dar continência ao sofrimento e inquietações dos jovens (Domingos, 2000).

Sartori (2018) comunica que o ser humano é constituído de duas dimensões, a imanência (dimensão concreta e biológica) e a transcendência (dimensão subjetiva, simbólica), tornando-se fundamental que a instituição educacional proporcione ao estudante enlutado o devido reconhecimento de sua aflição, promovendo, junto a todos os alunos, o aprimoramento da habilidade de cuidar tanto de si próprio quanto do próximo, na relação entre a imanência e a transcendência. É na dimensão da transcendência que as pessoas encontram os desafios do ser finito e, assim, atribuem sentidos e significados à vida e à morte.

Conforme observado por Rodriguez (2010), hoje a discussão sobre a morte na escola ganha relevância, pois os adolescentes expressam a necessidade de abordar esse tema no ambiente educacional, sendo assim profissionais da educação reconhecem a

importância de tratar desse assunto, mas enfrentam dificuldades como falta de tempo para preparação e sobrecarga de tarefas.

No contexto escolar, ainda para Rodriguez (2010), as possibilidades de atuação dos educadores frente às questões da morte incluem a sensibilização, escuta ativa, reflexão em grupo, esclarecimento de dúvidas e apoio emocional aos alunos enlutados. Instrumentos como recursos artísticos e materiais didáticos são vistos como facilitadores para abordar esse tema com os adolescentes, buscando diferentes estratégias de comunicação e a acolher as dúvidas, opiniões e sentimentos dos jovens, proporcionando um ambiente seguro e acolhedor para discutir questões relacionadas à morte.

Atualmente, a discussão sobre a morte na escola ganha relevância, pois os adolescentes expressam a necessidade de abordar esse tema no ambiente educacional, é o que expressa Maria Júlia Kovács (2005) destacando a importância do diálogo entre pares, educadores e familiares.

3. METODOLOGIA: ABORDAGEM, PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

No intuito de identificar estudos relacionados à morte e luto no contexto educacional, este trabalho propõe uma abordagem qualitativa, focada em compreender aspectos subjetivos. Conforme os conceitos de Minayo (2001) essa abordagem responde a questões específicas, preocupando-se a título de realidade que não pode ser quantificado. Trabalha, assim, com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, explorando um espaço mais profundo das relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à regulação de variáveis.

Sobre estratégias educacionais relacionadas à vivência do luto no contexto educacional com adolescentes, este artigo tem como propósito apresentar os resultados de uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL). Revisão essa que é fundamental para permitir o acesso a publicações específicas sobre o tema, proporcionando diferentes perspectivas e identificando lacunas na pesquisa.

Conforme Galvão e Ricarte (2020, p. 58), a revisão sistemática da literatura, escolhida como método para esta pesquisa, é uma modalidade que segue protocolos específicos e busca trazer lógica a um extenso conjunto documental. Com base nesses pressupostos, foram seguidas etapas para levantar trabalhos acadêmicos que permitissem explorar o campo de estudos sobre a morte e luto no contexto educacional com adolescentes.

Assim, construímos as seguintes etapas: Etapa 1: Delimitação Do Problema; Etapa 2: Identificação E Localização Das Fontes; Etapa 3: Realização Das Buscas E Obtenção Do Material; Etapa 4: Elegibilidade Dos Estudos E Leitura Do Material Selecionado; Etapa 5: Interpretação E Análise Dos Resultados

Na primeira etapa do nosso processo investigativo, buscamos esforços para delimitar o âmbito do problema em questão. Neste sentido, nosso objetivo é destacar claramente a situação problemática que demanda abordagem, evidenciando, assim, a necessidade de conduzir uma investigação aprofundada. O fio condutor que orienta nossa pesquisa é vinculado à seguinte questão: quais as estratégias educacionais, no contexto escolar, usadas com adolescentes em luto? Esta questão constitui o ponto de partida para análise.

Na fase subsequente do nosso processo metodológico, delineamos uma série de passos essenciais para conduzir a pesquisa. Primeiramente, identificamos as bases de dados e diretórios que serviriam como fontes para a obtenção de informações. Este ponto crucial estabeleceu as fundações para nosso processo de busca, destacando a importância de fontes confiáveis, por isso o passo um nesta etapa foi 1) definição de bases de dados, que especificamos as bases de dados nacionais como nossas principais fontes, incluindo BDTD, Scielo, Portal de Periódicos da CAPES, Google Acadêmico. Todas essas plataformas foram escolhidas não apenas por sua relevância, mas também pela acessibilidade gratuita que proporcionam. Para busca, utilizamos 2) definição de descritores e Estratégias de Busca, identificamos descritores cruciais para a realização da busca, destacando “ESCOLA, LUTO E ADOLESCENTE”.

Ainda na segunda etapa, desenvolvemos estratégias de busca ao combinar esses descritores, buscando assim obter uma visão mais abrangente e aprofundada do tema em questão utilizado critérios de Inclusão e Exclusão, estabelecemos critérios rigorosos para a seleção de trabalhos, visando garantir a qualidade e relevância dos dados coletados, foram eles: 1) Limitamos a busca a trabalhos apenas em português, 2)

Excluimos trabalhos duplicados na plataforma 3) Incluimos apenas trabalhos acessíveis e gratuitos, 4) Priorizamos trabalhos com o descritor principal "escola, adolescência e luto," focando na abordagem da morte e luto no contexto escolar com adolescentes, com isso 5) Excluimos trabalhos relacionados à infância, sublinhando apenas a adolescência 6) Excluimos pesquisas vinculadas à área da saúde e/ou o trabalho dos profissionais da saúde e, por fim, 7) Excluimos pesquisas que não estivessem dentro da temática, ou seja, que trabalhassem adolescência e outros aspectos, ou luto e outros atributos, mas não entrelaçados. Essa etapa busca explorar o panorama das estratégias educacionais relacionadas ao luto na adolescência, contribuindo assim para a base de conhecimento existente nesse domínio específico.

A terceira etapa do processo envolveu a pesquisa efetiva dos registros disponíveis na literatura, utilizando as bases de dados e os descritores previamente delimitados na fase anterior, como na tabela a seguir:

Atividades	BDTD- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	SciELO	Google Acadêmico	Portal de Periódicos da Capes	TOTAL
Levantamento inicial	214	1	10	13	
Incluimos trabalhos apenas em português	1	1	0	1	
Duplicado	10	0	0	4	
Excluimos por não estar disponível na íntegra e gratuito	0	0	0	1	
Excluimos trabalhos relacionados a “infância”	11	0	1	0	
Excluimos trabalhos vinculados à área da saúde.	30	0	1	3	
Excluimos por não estar dentro da temática	160	0	3	3	
Selecionamos	2	1	3	1	7

Tabela 1: detalhamento registros selecionados

Na quarta etapa, realizamos a seleção dos materiais que foram objetos diretos de nossa análise. Dentre os estudos escolhidos, totalizamos 7 trabalhos. Em seguida, avançamos para a fase de leitura rigorosa e sistêmica desse conjunto de materiais. Durante essa etapa, desenvolvemos fichamentos e sínteses centradas no problema de pesquisa previamente identificado: estratégias para abordar o luto no contexto educacional com adolescentes.

Para a execução da estratégia de leitura e fichamento do material selecionado, Severino (2007) sugere algumas orientações metodológicas para a leitura de textos científico-acadêmicos. Durante a análise textual, o leitor percorre integralmente o texto, adquirindo assim uma visão abrangente do raciocínio do autor. Essa fase pode ser concluída por meio de uma síntese, proporcionando uma compreensão global do conteúdo. Adotamos como referência principal as contribuições do autor ao utilizarmos técnicas como a produção de fichamentos, análise temática e análise interpretativa como instrumentos fundamentais nesse processo.

Na tabela 2 a seguir, consta os textos selecionados.

TÍTULO		AUTOR(A)	PLATAFORMA	INSTITUIÇÃO OU REVISTA
1	Luto na escola: uma realidade a ser enfrentada	Antonia Aparecida Kroll Sartori	BDTD	Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação “Stricto Sensu” para obtenção do título de Mestre em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (2018)
2	O adolescente vivenciando o luto pela morte de um dos genitores: repercussões na esfera escolar	Marina Candiani Meles	BDTD	Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências. (2014)

3	Educação para morte	Maria Júlia Kovács	SCIELO	KOVÁCS, M.J. (2005). Educação para a Morte. PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2005, 25 (3), 484-497
4	Luto na escola: um cuidado necessário	Patrícia Regina Moreira Marques	GOOGLE ACADÊMICO	Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Humanidades e Direito, da Universidade Metodista de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. (2012)
5	Adolescência e morte: representações e significados	Elaine Teresinha Dal Mas Dias	GOOGLE ACADÊMICO	Dias, M. L. (2011). Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 15, Número 2, Julho/Dezembro de 2011: 273-281.
6	O que os jovens têm a dizer sobre a adolescência e o tema da morte?	Cláudia Fernanda Rodriguez	GOOGLE ACADÊMICO	Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia (2005).
7	Educar para morte é educar para vida	Ana Luiza Toaldo Nardi; André Marcos Spiecker Gasparini; Eloisa Bido; Tânia Regina Aosani.	GOOGLE ACADÊMICO	Nardi, A. L. T., Gaspari, A. M. S., Bido, E., Aosani, T. R. (2022). Educar para a morte é educar para a vida. PSI UNISC, 6(2), 199-208. doi: 10.17058/psiunisc.v6i2.16559

Tabela 2: textos selecionados

Na quinta e última etapa, procedemos com uma análise dos dados coletados, visando esclarecer os seguintes elementos: quais as principais estratégias educacionais, no contexto escolar, usadas com adolescentes em luto.

4. RESULTADOS

A partir das buscas realizadas, chegamos em 7 (sete) grandes trabalhos que foram selecionados e devidamente analisados: 2 consistem em artigos publicados em

revistas científicas (sendo um de 2011 e outro de 2022), 1 refere-se a capítulos de livros (publicado em 2005), e 4 são teses de mestrado (dos anos de 2005, 2012, 2014 e 2018). Todos originados na região Sul do país, como indicado na tabela a seguir.

TÍTULO	AUTOR(A)	ANO	TIPO	REGIÃO
1 Adolescência e morte: representações e significados	Elaine Teresinha Dal Mas Dias	2011	Texto publicado em periódicos	São Paulo
2 Educar para morte é educar para vida	Ana Luiza Toaldo Nardi; André Marcos Spiecker Gasparini; Eloisa Bido; Tânia Regina Aosani.	2022	Texto publicado em periódicos	Santa Catarina
3 Educação para morte	Maria Júlia Kovács	2005	Capítulo de livro	São Paulo
4 O que os jovens têm a dizer sobre a adolescência e o tema da morte?	Cláudia Fernanda Rodriguez	2005	Dissertação de mestrado	São Paulo
5 Luto na escola: um cuidado necessário	Patrícia Regina Moreira Marques	2012	Dissertação de mestrado	São Bernardo do Campo
6 O adolescente vivenciando o luto pela morte de um dos genitores: repercussões na esfera escolar	Marina Candiani Meles	2014	Dissertação de mestrado	Ribeirão Preto
7 Luto na escola: uma realidade a ser enfrentada	Antonia Aparecida Kroll Sartori	2018	Dissertação de mestrado	São Paulo

Tabela 3: textos classificados por ano, tipo de publicação e região

Examinando o primeiro texto, intitulado "Adolescência e morte: representações e significados", Elaine Teresinha Dal Mas Dias enfatiza a relevância do treinamento de professores para conduzir atividades que abordem situações de perda. A autora propôs

uma intervenção educativa crítico-reflexiva em uma escola, o que se apresenta como uma estratégia para lidar com o luto no ambiente educacional, especialmente com adolescentes, uma vez que a intervenção envolve estudantes do Ensino Médio na escola mencionada. A intervenção foi estruturada em dois momentos: (1) leitura e análise do livro "A morte tem sete herdeiros - a noite em que Agatha Christie visitou Jacuruçunga", escrito por Ganymedes José e Stella Carr (1990); (2) elaboração de uma redação intitulada "O que é a morte". A autora destaca que o professor que colaborou na pesquisa concentrou-se exclusivamente na análise do conteúdo formal, gramatical e estético das composições, negligenciando a proposta inicial de promover discussão, reflexão e apoio. Elaine observa que essa abordagem sugere a suposição de que lidar com o tema na escola é desafiador. Embora o texto literário tenha exercido pouca influência, as redações ainda refletem a influência contínua e diária de significados, atitudes e comportamentos absorvidos no convívio e através da cultura. A análise das redações indica que a dinâmica escolar é moldada pela qualidade e intensidade da relação entre professor e aluno, sendo um dos elementos que contribuem para o isolamento ou a abordagem de questões relacionadas à existência e ao contexto educacional.

No segundo texto, os autores destacam a importância de preparar profissionais capacitados para lidar com a perda, o luto e a morte, sugerindo intervenções como a inclusão e expansão de rodas de conversa, grupos terapêuticos, palestras e encontros de sensibilização. Essas foram as principais estratégias para abordar o luto de maneira direta no contexto educacional. Além disso, eles propõem que a educação para a morte seja abordada nos cursos de graduação, abrangendo todas as áreas humanas, sociais e de saúde. Dessa forma, no âmbito da educação formal, os autores colocam que o ensino sobre a morte deve ser integrado de maneira transversal nos currículos, em todos os níveis de ensino, utilizando a transversalidade, ou seja, instituir, na prática educativa, uma analogia entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade), como uma estratégia abordada em todas as esferas, tanto teóricas quanto práticas.

No terceiro texto, "Educação acerca da Morte", Maria Júlia Kovács oferece diversas abordagens sobre a temática da morte e do luto no contexto educacional e escolar. Ela destaca que recursos como materiais fílmicos e bibliográficos podem ser valiosos para orientar práticas, fornecendo diretrizes sobre como lidar com o tema da

morte no ambiente educativo. Dessa forma, a autora sugere a implementação de uma parceria entre as instituições de ensino e o Instituto de Psicologia, representado pelo Laboratório de Estudos sobre a Morte. Esse relacionamento propõe atividades específicas, incluindo a oferta da disciplina Psicologia da Morte, ministrada no Instituto de Psicologia da USP, especialmente para convidar os professores a participarem dessa disciplina. Além disso, ela propõe espaços de treinamento in loco na escola, com módulos dedicados. O objetivo é fornecer bibliografia para embasar a formação dos professores nesse tópico específico, assim como discutir e preparar os educadores para a utilização de filmes e vídeos relacionados à temática da morte.

No mesmo texto, a autora Maria Júlia Kovács descreve o Projeto "Falando de Morte", concebido com 4 vídeos educativos e preventivos, oferecendo informações e orientações para pessoas em diferentes fases do desenvolvimento, além de prover suporte para profissionais. Ela menciona a diversidade de livros voltados para crianças, adolescentes e adultos que abordam o tema da morte, mas não especifica nenhum título de livro. No âmbito do projeto "Falando de Morte", o segundo vídeo (com duração de 20 minutos), intitulado "Falando sobre morte com o adolescente", se destaca por se adaptar à linguagem jovial, incorporando imagens, perguntas e reflexões que permitem aos adolescentes participarem ativamente da discussão. Isso proporciona aos pais, educadores e demais profissionais a oportunidade de adentrarem nesse universo, criando espaços para diálogo e exploração de alternativas.

No contexto do quarto texto lido "O que os jovens têm a dizer sobre a adolescência e o tema da morte?", Cláudia Fernanda Rodriguez propôs uma intervenção envolvendo professores e estudantes adolescentes do Ensino Fundamental e Médio em duas escolas da cidade de São Paulo. Essa intervenção consistiu em dois passos principais: primeiro, a exibição do vídeo "Falando de Morte com o Adolescente", seguido por discussões; segundo, a condução de entrevistas individuais com profissionais da educação. Ambos os elementos dessa intervenção sugerem uma estratégia para abordar o luto no ambiente educacional, oferecendo oportunidades para diálogo sobre a temática e promovendo uma intervenção caracterizada por sensibilidade, autoconhecimento e compartilhamento.

Ao apresentar os resultados obtidos e as estratégias identificadas, a autora destaca as diversas perspectivas dos jovens em relação ao luto e à morte, conforme já discutido no presente artigo, evidenciando a singularidade das experiências de luto. O

texto ressalta o mérito da utilização da literatura como uma estratégia eficaz para fomentar discussões e reflexões nas escolas. Contudo, a autora observa que esse recurso pode ser limitado, considerando que o acesso aos livros pode ser desafiador para uma parcela da população.

Dessa forma, as estratégias devem ser concebidas levando em consideração os contextos e os recursos disponíveis. Alternativas como a promoção de produções de textos ou redações sobre o tema são mencionadas como formas de iniciar discussões, reconhecendo a importância de adaptar as abordagens às realidades específicas de cada comunidade escolar.

No quinto texto, intitulado "Luto na escola: um cuidado necessário", Patrícia Regina Moreira Marques explora o potencial da literatura como ferramenta valiosa no enfrentamento da morte e de suas complexidades. Embora não destaque a abordagem específica da literatura com adolescentes, ela sugere que histórias, de modo geral, têm o poder de sensibilizar e comover pessoas que lidam com o luto. A autora ressalta que cabe ao educador viabilizar essa conexão com a realidade. A literatura, segundo Marques, é um recurso significativo para abordar o tema da morte na escola e pode ser apresentada por meio de leituras, dramatizações e outras estratégias exploratórias.

No mesmo quinto texto, a autora destaca o conto "Fita verde no cabelo: a velha nova história", de Guimarães Rosa, como uma ferramenta para abordar situações que envolvem morte, luto, dor e perda. Esse conto oferece uma releitura da clássica história da Chapeuzinho Vermelho, diferenciando-se ao apresentar um encontro diferente no bosque, sem o lobo, possivelmente exterminado pelos lenhadores. Ao chegar à casa da avó, a menina se depara com uma situação conflitante para ela. O conto propõe uma resignificação, pois, ao contrário dos contos de fadas tradicionais, não há uma solução feliz para a morte. Em "Fita verde", a menina se depara com a morte da avó, gerando solidão e angústia. A exposição a situações de morte pode desencadear momentos em que o inesperado se manifesta.

No sexto texto que analisamos, intitulado "O adolescente vivenciando o luto pela morte de um dos genitores: repercussões na esfera escolar", Marina Candiani Meles conduz entrevistas com adolescentes inseridos no contexto escolar, buscando compreender suas experiências diante do luto pela perda de um dos genitores. Todos os adolescentes participantes das entrevistas compartilharam a vivência do adoecimento de seus genitores, revelando uma complexidade emocional singular.

Como estratégia inicial, a autora destaca a importância do acolhimento, proporcionando um ambiente em que os estudantes se sintam à vontade para expressar sentimentos, dúvidas e necessidades decorrentes do processo de luto. Essa abordagem se revela como uma ferramenta essencial dentro do ambiente escolar, reconhecendo a necessidade de compreender cada aluno em sua individualidade, reconhecendo a unicidade de seus processos de luto.

Outra estratégia educacional identificada é a promoção do apoio entre os colegas, para instigar no ambiente. Kovács (2004) salienta a relevância da amizade na vida dos adolescentes, especialmente quando adultos podem, em certas circunstâncias, não oferecer a devida atenção aos jovens enlutados. A falta de compartilhamento de sua dor pode levar os adultos a presumir que esses jovens não estão afetados, o que pode ser um equívoco. Incentivar um ambiente em que os colegas ofereçam suporte mútuo pode ser benéfico para mitigar o isolamento frequentemente associado ao luto.

Como terceira estratégia, Meles destaca a importância de estabelecer uma conexão entre os profissionais da educação e a presença de um psicólogo na escola. A autora enfatiza que a presença de um psicólogo pode ser fundamental nesses momentos, destacando que os educadores desempenham um papel crucial ao encaminhar alunos que apresentam sinais de luto complicado, como mudanças comportamentais, faltas, queda de rendimento e comportamentos autodestrutivos. É ressaltada a necessidade de a escola estar preparada para lidar com essa dinâmica, mesmo que a temática do luto não seja transferida integralmente aos cuidados da instituição educacional.

No sétimo texto, intitulado "Luto: uma realidade a ser confrontada", a autora, Antonia Aparecida Kroll Sartori, apresenta uma circunstância na qual a escola negligencia o processo de luto. Na mencionada situação, o estudante é repreendido por seu comportamento, contudo, em nenhum momento a escola, representada pelo diretor, busca compreender as causas desse comportamento.

Algumas fala da mãe retiradas do texto:

“Ele ia para a escola, mas não assistia às aulas. O Paulo tinha o irmão como modelo; eles eram muito unidos e próximos. Era o José quem ajudava o Paulo a estudar e participava das reuniões com os professores. O Paulo já tinha dificuldades de aprendizagem, mas foi o seu comportamento que mudou muito após a morte do José. A escola em nenhum momento foi sensível à situação. O

diretor foi muito duro com o Paulo. Disse que sabia que ele tinha perdido o irmão, mas que todo mundo tem problemas, e que ele não era o único. Ele disse ao Paulo que não ia tolerar na escola dele aquele tipo de comportamento. Eu também não achava certo o que o Paulo estava fazendo, mas o diretor poderia ter falado de outro jeito”.

A mãe do adolescente identificou falta de atenção por parte do diretor do Ensino Médio em relação ao sofrimento de seu filho. A autora destaca uma abordagem distante e insensível no ambiente escolar ao lidar com o luto. O estudante em questão enfrenta a perda do irmão, somada aos desafios típicos da adolescência. Em meio ao conflito em compreender e gerenciar seus próprios sentimentos, o aluno manifesta intensas emoções no ambiente escolar. Nessa situação, a escola revela-se despreparada para acolher um adolescente enlutado, deixando de criar condições que respeitem sua condição em um momento de dor, destaca-se aqui a escolha estratégica da escola de não reconhecer a primazia da dimensão afetiva sobre a cognitiva nesse período sensível.

Ainda no sétimo texto, a escritora ressalta uma série de obras literárias e cinematográficas que podem servir como ferramentas pedagógicas, facilitando a comunicação, a escuta e o acolhimento em relação ao tema da morte. No tocante aos filmes, são mencionados: Branca de Neve e os Sete Anões (1937), cuja protagonista é órfã de pai e mãe; Bambi (1942), que vivencia a perda da mãe causada por um caçador; Cinderela (1950), que perde primeiramente a mãe e depois o pai; e O Rei Leão (1994), que perde o pai ao ser salvo por ele em uma situação de perigo iminente para ambos; Viva – A Vida É Uma Festa (2017) é outro filme abordado, destacando a celebração da cultura mexicana durante "El Día de Muertos";

No que diz respeito aos livros, a autora destaca algumas obras, como Íris – uma despedida (Pulo do Gato, 2013), da escritora alemã Gudrun Mebs, que trata sensivelmente da morte, doença terminal e a importância dos vínculos humanos; É Assim (Edições SM, 2012) da escritora chilena Paloma Valdivia, que explica o ciclo da vida de maneira simples através de eventos cotidianos; Meu Filho Pato e mais contos sobre aquilo de que ninguém quer falar, organizado por Ilan Brenman (Companhia das Letrinhas, 2011), que aborda perdas ao longo da vida com textos de gêneros e temas diversos, convidando à reflexão e ao diálogo sobre a morte; Para Onde Vamos Quando Desaparecemos? (Tordesilhinhas, 2015), da escritora portuguesa Isabel Minhós Martins, instiga a curiosidade sobre a transformação e desaparecimento de tudo ao nosso redor,

promovendo respeito às diversas respostas e incentivando a imaginação como uma maneira de lidar com os mistérios da vida; Os livros Vamos pensar um pouco? e Vamos pensar mais um pouco? (Cortez Editora, 2017/2018), uma colaboração entre Maurício de Souza e Mario Sergio Cortella, convidam à reflexão sobre valores que guiam nossas vidas.

Por fim, a autora também destaca o programa "Amigos do Zippy", vinculado à Associação para a Saúde Emocional da Criança, como uma estratégia para a educação infantil e fundamental, abordando perdas e mudanças, incluindo a morte. Este programa inclui práticas pedagógicas como visitas ao cemitério, locais de sepultamento e locais de culto, além de capacitar educadores para lidar com essas questões.

Em suma, destacamos e identificamos um total de 12 (doze) estratégias principais, presentes na literatura nacional, em torno de como abordar a questão da morte com adolescentes enlutados. São elas: a que mais aparece é a recomendação de OBRAS LITERÁRIAS; em seguida temos o uso de OBRAS CINEMATOGRAFICAS; não podemos deixar de lado A CAPACITAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO por meio de formação; PRODUÇÃO DE ATIVIDADES ESCRITAS; a organização de RODAS DE DIÁLOGO criadas por meio de filmes ou leituras; ABORDAR O TEMA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO seja em licenciatura ou pedagogia; estabelecer um elo entre profissionais da educação com os profissionais da psicologia de forma a criar um TRABALHO EM EQUIPE E REDE a partir do binômio psicologia-educação; criar ESPAÇOS DE ACOLHIMENTO e acolhimento nas escolas onde os estudantes tenham acesso e lugar de escuta; REALIZAÇÃO DE PALESTRAS sobre o tema também aparece como estratégia importante na medida em que dar voz e vez para aquilo que ta silenciado ser expresso e pautado; CRIAÇÃO DE GRUPOS TERAPÊUTICOS para estudantes com demandas comuns possam ter espaço para trabalhar urgências; estabelecer PARCERIAS COM PROGRMAS E PROJETOS QUE JÁ ATUAM com a temática; pensar estratégias de inserir a temática no CURRÍCULO ESCOLAR, ainda que de modo transversal.

4.1 PARA DEVIR-FÊNIX EM EDUCAÇÃO: ESTRATÉGIAS QUE AJUDAM A RENASCER DAS CINZAS E TRANS-FORMAR SEUS MUNDOS DE RUÍNAS

Carlos Drummond de Andrade, em seu poema "Nosso tempo", descreve os dias atuais como uma era de desintegração humana, uma época de certezas frágeis. E talvez assim também seja a atualidade de quem vive com a morte e encara o luto: uma certeza frágil de uma desintegração humana em que a todo instante, como o poeta, o adolescente repete: “Calo-me, espero, decifro./As coisas talvez melhorem./Tenho palavras em mim buscando canal,/Irritadas, enérgicas,/comprimidas há tanto tempo,/perderam o sentido, apenas querem explodir.” (ANDRADE, 1999, p. 30).

As palavras que querem explodir, enfim, explodem...preenchendo as salas de aula e outros locais onde a educação se manifesta através de diversas formas. Na busca por saídas, há encontros e desencontros de corpos e ideias, com vozes diversas entrelaçando-se. Diante de certezas frágeis, aponta-se uma visão para a educação: “a condição de criar projetos através dos quais se pode incidir sobre a realidade imediata e mediata”. (STRECK, 2021). Ao criar espaços acolhedores por meio dessas estratégias educacionais para que os jovens expressem suas emoções, dúvidas e preocupações, os educadores estão desafiando “normas” que tendem a relegar o luto ao silêncio.

Pois então que o desafio comece e o silencio termine! Afinal, diz Paulo Freire (2020b, p 51) “[...] não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio”. Isso significa dizer que “[...] o homem existe no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica” (Freire, 2020b, p. 57). O ser humano participa ativamente na criação de sua cultura e, como sujeito cultural.

Dessa forma, a educação se torna um exercício político no momento em que possibilita aos jovens o enfrentamento dos desafios e das adversidades pessoais e sociais com resiliência; e exercício estético, ao criar espaços de expressão e reflexão que valorizam a diversidade de suas experiências em que eles mesmo podem re-criar suas realidades. Assim, parafraseando os autores Carvalho, Barbosa e Souza (2023), o diálogo, bem como essas estratégias educacionais em torno das experiências do luto, vem como forma de intervir no mundo em ruínas do adolescente para transformá-lo em um lugar mais digno, tomando a educação como espaço de formação e transformação, respaldada pelo comprometimento ético do ser humano com o outro, consigo mesmo e com a história. Promover um ambiente escolar que encoraja o diálogo aberto sobre

questões de morte e luto não apenas visa a saúde emocional dos adolescentes enlutados, mas também pode se tornar um ato político e estético na formação educacional de jovens.

Nesse sentido, pudemos concluir que com as estratégias adequadas o contexto educacional tem o potencial de fazer do processo de formação para a morte um trabalho ético, estético e político que contribui para que adolescentes enlutados possam renascer das cinzas e nos ensinar um modo de subjetivação que vem das ruínas: ser fênix em educação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em decorrência das análises realizadas, tornam-se patentes diversas estratégias educacionais destinadas a trabalhar com adolescentes enlutados. Embora temáticas como morte e luto permeiam intrinsecamente a experiência humana, muitas vezes são relegadas ao silêncio. Entretanto, é possível abordá-las de maneiras distintas, partindo do pressuposto de que a escola constitui um cenário repleto de vivacidade, e, na trajetória existencial, somos confrontados e confrontados por distintas formas de perda.

A literatura mostra que há subsídios significativos e sinaliza instrumentos para que os profissionais da educação ofereçam um suporte adequado aos estudantes adolescentes que enfrentam o luto, inseridos em um contexto permeado por conflitos existenciais. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), uma das competências a ser desenvolvida é a habilidade de "Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida". Como uma contribuição valiosa aos educadores, esta pesquisa visa mostrar estratégias educacionais destinadas a trabalhar com adolescentes enlutados e, com isso, zelar pelo próximo, pela coletividade e pela natureza, como expressão dos valores da vida e também enfatizar a legitimidade do(s) processo(s) de luto.

Manifesto meu desejo de direcionar e desenvolver futuras pesquisas nessa área, visando dar continuidade à reflexão de que a escola e/ou instituições educativas outras podem desempenhar um papel ainda mais significativo na vida dos jovens. Reconheço a importância de compreender melhor os adolescentes e destaco que eles podem desempenhar um papel potencialmente ativo na construção de maneiras, jeitos, práticas

e outros modos de fazer relacionados ao tema da morte e luto em contextos educacionais ensinando-nos a desenvolver pedagogias outras nesse tempo de certezas frágeis e incertezas concretas.

Nesse sentido, é crucial promover um ambiente escolar que estimule o diálogo aberto e respeitoso sobre questões relacionadas à morte e ao luto, criando espaços seguros para que os adolescentes possam expressar suas emoções, dúvidas e preocupações. Além disso, é fundamental oferecer atividades e recursos que ajudem os estudantes a compreender e processar suas experiências de perda, incentivando o desenvolvimento da resiliência e do apoio mútuo entre os pares. Os educadores podem desempenhar um papel essencial no apoio ao bem-estar emocional dos adolescentes enlutados, fortalecendo assim a comunidade escolar como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos D. de. A rosa do povo. Rio de Janeiro: Record, 1999
- ARIÉS, P. A História da Morte no Ocidente. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- BOWLBY, J. Perda: tristeza e depressão. In Apego e perda (Vol. 3). São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CARVALHO, Maria Elizete Guimarães; BARBOSA, Maria das Graças da Cruz; SOUZA, Wellegton Jean Barbosa de. Dizer ao Mundo de si na Literatura Freireana:: o direito humano à palavra. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 48, p. 1-19, 24 abr. 2023.
- Dias, E. T. D. M. (2011). Adolescência e morte: representações e significados. *Psicol. Esc. Educ.*, 15 (2), 273-281.
- FREIRE, Paulo. Educação como Prática de Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020b.
- Galvão, M. C. B., & Ricarte, I. L. M. (2020). Revisão Sistemática da Literatura: conceituação, produção e publicação. *LOGEION: Filosofia da informação*, 6 (1), 57-73. <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835> Acesso em 12 de Julho de 2021.
- DOMINGOS, B. Vivências de morte e luto em escolares de 13 a 18 anos. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo, SP: Atlas, 2002.
- Kovács, M.J. (2005). Educação para a Morte. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 25(3), 484-497.
- KOVÁCS, M. J. Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- KOVÁCS, M. J. Desenvolvimento da tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. *Ribeirão Preto: Paidéia*, vol. 18, n.41, 2008, p. 457-468. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000300004>. Acessado em: 17mar. 2019.

KOVÁCS, M. J. Morte no processo de desenvolvimento humano: a criança e o adolescente diante da morte. In: M. J. Kovács. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Caso do Psicólogo, 1992, p. 58-89.

KÜBLER-ROSS, E. Sobre a Morte e o Morrer. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KÜBLER-ROSS, E.; KESSLER, D. On Grief and Grievining: Finding The Meaning of Grief Through The Five Stages of Loss. New York: Scribner, 2005.

MARQUES, P. R. M. M. (2012). Luto na escola: um cuidado necessário. Dissertação em Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, BR. <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/991>.

MELES, M. C. O adolescente vivenciando o luto pela morte de um dos genitores: repercussões na esfera escolar. 2014. 104f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 9-29.

Rigo, K. F. (2013). Adolescência vampirizada: a necessidade de trabalhar a temática da morte com adolescentes. Anais do Congresso Estadual de Teologia, 1 (1), 222-229. Recuperado de <http://www.anais.est.edu.br/index.php/teologians/article/view/212>, em 29 de março de 2021.

RODRIGUEZ, C.F. (2005). O que os jovens têm a dizer sobre a adolescência e o tema da morte? Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

STRECK, Danilo R.. A EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA E SEUS LABIRINTOS: sobre resistências, insurgências e utopias. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 39, p. 1-14, 06 jul. 2021.

TREVISAN, D., & MACIEL, C. (2023). Panorama de pesquisas sobre aspectos educativos da morte no contexto da educação básica a partir de uma Revisão Sistemática de Literatura. *Revista M. Estudos Sobre a Morte, Os Mortos E O Morrer*, 8(15). Recuperado de <https://seer.unirio.br/revistam/article/view/11204>